

O deputado capixaba Camilo Cola, dono da Viação Itapemirim, foi um grande apoiador das nossas ações clandestinas. Ele era um dos poucos a realmente acreditar que o regime militar iria durar para sempre. Muito próximo do coronel Perdigão, ele arrecadava recursos entre grandes empresas, como a Gasbrás e a White Martins, e levava em mãos para o coronel. Camilo Cola sempre contou com os préstimos do coronel Perdigão e do comandante Vieira. No início dos anos 1980, bem depois da fase áurea de nossa comunidade, ele procurou Perdigão para resolver um problema. Foi quando Perdigão e eu começamos a perder a confiança um no outro, a nos afastar. Eu estava meio acomodado, ganhando um bom dinheiro com o jogo do bicho.

Já fora do SNI, o coronel havia criado uma empresa de investigação, e Camilo encomendou um crime de mando. O jornalista José Roberto Jevaux, dono de um periódico de pouca expressão em Vitória, o *Povão*, estaria chantageando o empresário. Ele tinha perdido a paciência e queria uma solução definitiva para o caso. Perdigão escalou uma equipe mista, com gente do Rio e de Minas, para dar um fim no jornalista. Seu corpo nunca apareceu.

José Roberto Jevaux havia patrocinado um livro sobre mim, *O cana dura*, redigido por Pedro Maia, e eu

¹⁰⁸ Viação Itapemirim – é a maior empresa de transporte rodoviário de passageiros do Brasil e da América Latina, com aproximadamente 2 mil veículos.

não quis participar da sua execução. Frequentávamos a casa um do outro, e não me envolveram nisso.

Todo o grupo que participou do crime sumiu também: um foi morto por bandidos no Espírito Santo, e do outro, Moacir, filho de um tenente da PM, nunca mais tive notícias.

O comandante Vieira participava da empresa do coronel Perdigão, mas eu, como já disse, estava ganhando bem. Não queria mais me envolver nessas operações, e acabei me afastando.

Outro caso envolvendo Perdigão foi o assassinato de um político nordestino, praticado pelo Pejota. Foi depois de 1985. Também um crime de mando, mas sem relação com Camilo Cola.

O empresário, como arrecadador e financiador da repressão, recebia benefícios do regime militar. Ganhou várias concessões e sua empresa cresceu muito no período. Com o fim da ditadura, ele absorveu, na Viação Itapemirim, vários agentes que combateram a esquerda no Brasil. Ziraldo e Henfil chegaram a reconhecer alguns deles em encontros ocasionais, foi o que me falaram.

É preciso checar isso, mas uma pesquisa simples revelará as pessoas que foram empregadas pela empresa após o regime militar.

ATENTADO À CASA DE ROBERTO MARINHO¹³⁶

O atentado à casa de Roberto Marinho não fez parte da linha de ação idealizada na reunião do Hotel Glória, que tinha como objetivo atingir veículos de imprensa que não compactuavam com o regime político.

A bomba que explodiu na casa do dono das Organizações Globo foi, na verdade, parte de uma estratégia formulada por ele mesmo – Roberto Marinho.¹³⁷ Foi simulado.¹³⁸ A ordem partiu do coronel Perdigão, e eu mesmo coloquei a bomba, mas tudo foi feito a pedido do empre-

¹³⁶ Ver recorte de jornal nos Anexos.

¹³⁷ De acordo com o noticiário da época, em setembro de 1976, uma bomba explodiu no telhado da casa do jornalista Roberto Marinho, presidente das Organizações Globo. O atentado, no elegante bairro do Cosme Velho, no Rio de Janeiro, foi reivindicado pela Aliança Anticomunista Brasileira.

O site Memória Globo, das Organizações Globo, diz que a bomba explodiu no telhado da casa do empresário. O então diretor do jornal, Evandro Carlos de Andrade, conta, em *Eles mudaram a imprensa*, que o atentado foi chefiado pelo jornalista Emiliano Castor, que cobria o setor militar e que havia sido demitido da equipe do jornal. O jornalista Elio Gaspari afirma, em seu livro *A ditadura encurralada*, que a bomba explodiu no quintal da casa. Cláudio Guerra foi confrontado com todas essas informações e disse que o seu relato é o verdadeiro, que não conhecia Emiliano Castor e que ele não participou dessa ação, embora tenha ouvido, depois, comentários sobre essa versão. Guerra informou ainda que nunca soube do ferimento do copeiro da casa e disse não acreditar muito nisso. A Rede Globo de Televisão foi censurada e não pôde noticiar o caso. Ver Anexos.

¹³⁸ O fato ocorreu no mesmo dia do sequestro do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hypólito.

sário, para não complicá-lo com os outros veículos de comunicação, para se defender da desconfiança de suas relações com os militares. Para todo mundo ele foi a vítima.

Roberto Marinho estava ficando muito visado pela esquerda e pela própria imprensa. Achavam que ele apoiava a ditadura.

E tudo foi feito. Meu grupo seguiu para a casa do Cosme Velho em dois carros descaracterizados, um somente para a cobertura, para me dar fuga após a explosão. Comigo estavam o sargento Jair, um tenente da Brigada de Niterói, do qual não me recordo o sobrenome, e o Zé do Ganho,¹³⁹ de São Gonçalo. Era uma operação simples. Entramos com facilidade na casa; o SNI tinha recursos técnicos para isso e não havia aparato de segurança, já que foi uma coisa combinada, com dia e hora marcados. Coloquei o artefato numa parede externa, lateral, na varanda perto do quarto, uma carga bem pequena de TNT.

Usei aquela em tijolinho, a C4, que é mais potente que dinamite. Já estava do lado de fora quando, por controle elétrico, detonei a bomba. Sabia que não haveria ninguém em casa.

Anexo, o levantamento dos resultados obtidos pelo DOI-Codi/II Ex desde a sua fundação até 18 de maio de 1977.

RESULTADO ALCANÇADO PELO DOI-CODI/II EX DISCRIMINAÇÃO	TOTAL DATA BASE 19 MAIO 1977
Presos pelo DOI	2.541
Encaminhados ao Dops para processo	1.001
Encaminhados a outros órgãos	201
Liberados	1.289
Mortos	51
Presos recebidos de outros órgãos	914
Encaminhados ao Dops para processo	347
Encaminhados a outros órgãos	341
Liberados	221
Mortos	3
Aparelhos estourados	274
Elementos que prestaram (<i>ilegível</i>) e foram liberados	3.442
Armamento (armas diversas)	750
Munição (cartuchos diversos)	37.830
Bombas	845
Automóveis	376
Oficina mecânica	7
Gráfica mecânica	6
- VALORES APREENDIDOS:	
- Cr\$	915.325,60
- US\$	78.585,00